

## Primo Levi e o seu público:

esboço de uma análise da recepção italiana de *A tabela periódica*

PEDRO SPINOLA PEREIRA CALDAS (DEPTO. DE HISTÓRIA / UNIRIO)

### RESUMO

Partindo da preocupação de Primo Levi com se fazer compreender pelo seu público leitor, este artigo pretende analisar a recepção italiana de *A tabela periódica*. Para realizar a análise, foram selecionadas mais de vinte resenhas publicadas em periódicos italianos entre 1975 e o início de 1976, às quais se aplicou a metodologia da recepção de Wolfgang Iser, que entendeu a formação de sentido de um livro a partir de três etapas: (a) apreensão do livro nas críticas, nas quais tentarei identificar padrões de análise; (b) as estruturas de elaboração do livro, que tentarei identificar a partir de um paralelo com o romance *A História*, de Elsa Morante (1974); (c) a função do livro, etapa na qual a intencionalidade autoral permite um reordenamento da apreensão e das estruturas de elaboração.

### ABSTRACT

The article aims to analyze the reception of *The Periodic Table* in Italy, based on Primo Levi's concern with making himself understood by his readers. Although the book does not belong to testimonial literature, the topic may also be addressed. To conduct the analysis, more than twenty reviews were selected, published in Italian periodicals from 1975 to early 1976, applying Wolfgang Iser's reception theory, which posits the formation of a book's meaning in three stages: (a) the book's reception in reviews, where I will attempt to identify patterns of analysis; (b) the structures for the book's elaboration, which I will attempt to identify based on a parallel with Elsa Morante's *History: A Novel* (1974); and (c) the book's role, the stage in which authorial intentionality allows a reordering of the reception and the structures for elaboration.

### PALAVRAS-CHAVE

Primo Levi – *A tabela periódica* – Recepção – Crítica literária.

### KEYWORDS

Primo Levi – *The Periodic Table* – Reception – Literary critique – 1970s.

## Primo Levi e o seu público:

esboço de uma análise da recepção italiana de *A tabela periódica*

PEDRO SPINOLA PEREIRA CALDAS (DEPTO. DE HISTÓRIA / UNIRIO)

Ao longo de sua trajetória como escritor, Primo Levi sempre manifestou preocupação em ser compreendido pelo seu público, tanto que podemos percebê-la nas duas pontas de sua obra. Em *É isto um homem?*, essa preocupação está presente seja na exortação moral para a leitura atenta no poema de abertura, seja no relato angustiante do sonho no qual chega em casa e, desejoso de contar pelo que passara em Auschwitz, é ignorado por parentes e amigos (Levi, 1988, p. 85-86). Em *Os afogados e os sobreviventes*, por sua vez, capítulos como “Estereótipos” e “Comunicação” tratam do impasse de conseguir ser claro sem, contudo, conceder aos clichês e aos hábitos consolidados de recepção do público.

O interesse em se fazer entender é esperado quando se trata da memória da experiência em um campo de extermínio, mas também está nítido em outras obras, como é o caso de *A Tabela Periódica*. No primeiro parágrafo de “Carbono”, o último capítulo do livro, Levi diz: “Nesse ponto, o leitor terá percebido há algum tempo que este não é um tratado de química (...)” (Levi, 1994, p. 225)<sup>1</sup>, mas uma “micro-história”.<sup>2</sup> Levi imagina um leitor sagaz, que, àquela altura, já teria percebido o que a obra não é (uma autobiografia ou um tratado de química). Na sequência, cria uma identificação com um provável estudante de química como leitor, ainda que não de seu livro, mas de tratados em geral, de cujos significados ele só posteriormente adquire consciência. O sentido está lá, oculto, esperando ser decifrado às custas de experiências profissionais: “(...) diante de um tratado cada estudante de química deve estar consciente de que numa daquelas páginas, talvez numa só linha, fórmula ou palavra, está inscrito seu futuro em caracteres indecifráveis, mas que se tornarão claros ‘depois’” (Levi, 1994, p. 225). Ora, dado que Levi inscreve nas páginas do próprio livro o próprio ato de ler, me perguntei: qual foi o público do livro? Movido por esse interesse, decidi ler as resenhas dedicadas ao livro na imprensa italiana da época.

Lançado em 12 de abril de 1975 (Scarpa, 2022, p. 38), *A tabela periódica* obteve considerável reação da crítica, a ponto de ter conseguido reunir 25 resenhas publi-

1. Quando disponíveis, farei as citações das obras de Levi e de Elsa Morante em suas traduções publicadas no Brasil.

2. Trata-se da primeira vez em que a expressão micro-história (nome de uma das principais escolas historiográficas contemporâneas) é usada de forma autônoma na língua italiana (Ginzburg, 2007, p. 254)

cadás<sup>3</sup> em periódicos italianos entre 14 de maio de 1975 e março de 1976, todas elas disponíveis no arquivo do Centro Internazionale di Studi Primo Levi, em Turim<sup>4</sup>. Pelo menos em um primeiro momento, tomei a cautela de evitar ampliar esse arco no tempo e no espaço, mas esse recorte tem um sentido além do pragmático: a obra de Levi como um todo teve dificuldades em ser aceita dentro do “cânone” italiano (Cannon, 1992; Ferrero, 2007, p. 118; Usher, 2007, p. 171; Bucciantini, 2011, p. 64-68), mas A tabela periódica foi importante para começar a alterar essa história, algo explicável, segundo JoAnn Cannon (1992, p. 32-33), por um fator externo e outro interno: de um lado, segundo a autora, a obra de Levi seria um refresco às ousadias experimentalistas (emblematicamente representadas no Gruppo ‘635); de outro, a mescla da voz do sobrevivente (expressa em *É isto um homem?* e *A Trégua*) com a do contador de histórias (já conhecida por *Histórias naturais e Vício de forma*)<sup>6</sup>.

Para lidar com o material das resenhas, usarei como metodologia a proposta de *O ato da leitura*, de Wolfgang Iser. Interessado em compreender o texto não como um objeto cujo sentido está oculto e aguardando ser desvelado, mas como um processo de formação de sentido, Iser se questiona: “1. Como os textos são apreendidos? 2. Como são as estruturas que dirigem a elaboração do texto naquele que o recebe? 3. Qual a função dos textos literários em seu contexto?” (Iser, 1996, p.10). As três partes seguintes deste estudo seguem as perguntas feitas por Iser. Começo falando da apreensão do livro, e, para isso, analisarei as resenhas tentando identificar alguns padrões de leitura, deixando em segundo plano as suas diferenças; na sequência, farei o esforço de, partindo da análise da apreensão do texto, esboçar minimamente as estruturas de elaboração do público, isto é, ver quais possíveis molduras teriam fornecido o enquadramento para a leitura da obra de Levi. Para isso, tentarei ver aspectos congruentes entre *A tabela periódica* e *A História*, de Elsa Morante; por fim, sugerirei, mesmo que abordando somente um capítulo do livro (“Prata”), uma maneira de perceber a função do livro àquela altura, vendo como a intencionalidade autoral se relaciona com as etapas precedentes.

.....

3. Só inseri nas referências no final as resenhas citadas ao longo do presente trabalho.

4. Aproveito para agradecer imensamente pela generosidade, simpatia e competência da equipe do Centro, em especial Cristina Zuccaro e Domenico Scarpa, essenciais para a minha pesquisa, a começar pelo acesso às resenhas e à literatura especializada.

5. O Gruppo ‘63 foi um movimento estético e artístico que apostava nas potencialidades de experimentação da linguagem. Sobre as suas contradições, ver o argumento de Umberto Eco, que mostrou o impasse entre o caráter mais experimental da pesquisa de linguagens e o mais vanguardista: “o experimentalismo tende a uma provocação interna ao circuito da intertextualidade; a vanguarda, a uma provocação externa, no corpo social. Ora, no Grupo 63 conviveram as duas almas, e é óbvio que a alma vanguardista prevaleceu no que dizia respeito à criação de uma imagem midiática” (Eco, 2021, p. 146-147).

6. Sobre a fortuna crítica de Levi, ver Ferrero (1997). Para um trabalho de recepção no Brasil baseado também em críticas, deve ser consultada a dissertação de Átila Fernandes dos Santos (2021).

### A apreensão: “a história de uma geração”.

Assim como Primo Levi, os críticos também imaginaram os seus leitores. Em um dos primeiros comentários publicados na grande imprensa (mais precisamente na “Gazzetta del Popolo”, em 14 de maio de 1975), Piero Bianucci cria uma representação do leitor ao dizer que, nas páginas de A tabela periódica, há uma “poesia que podemos chamar, e com boas razões, de lucreziana (...) a ponto do leitor ser levado a vibrar com os mesmos ritmos, as mesmas ‘simpatias naturais’ de um microcosmo de átomos e moléculas” (Bianucci, 1975, grifo meu)<sup>7</sup>. Em duas outras resenhas, há imagens específicas, porém divergentes, do “leitor” do livro, mas ambas se dirigem a um leitor jovem. Um exemplo é a resenha publicada no fiorentino “La Nazione” em 05 de julho pelo divulgador científico Roberto Vacca: “será bom colocar este livro nas mãos de muitos jovens, e é de esperar que muitos jovens se entusiasmem com ele, porque propõe modelos admiráveis de vida e expõe mitos positivos, dos quais em anos recentes se sentiu uma carência notável” (Vacca, 1975)<sup>8</sup>. O tom de suas palavras é pedagógico, e até mesmo moral, pois pressupõe ingenuidade e ignorância desta parte específica do público. No outubro seguinte, Guido Ortona será mais generoso: “(...) tema dominante [do livro] é o do amor pelo trabalho, e esta é uma mensagem que o autor espera que se comunique aos jovens”<sup>9</sup>. Nota-se, então, uma crítica a Levi: “(...) hoje, para muitos jovens, não há mais a possibilidade de ter acesso, mesmo com todos os esforços e empenho, ao trabalho e à cultura” (Ortona, 1975)<sup>10</sup>. Mesmo apresentando figuras distintas sobre a juventude, as resenhas de Vacca e Ortona balizam o debate a partir da referência geracional, recomendando-o para que uma geração mais jovem adquira um recurso para organizar a sua experiência, mesmo que – como é o caso de Guido Ortona – seja para se contrapor ao otimismo de Primo Levi.

A questão geracional não aparece somente nas resenhas de Roberto Vacca e Guido Ortona. Na edição de 19 de junho do jornal romano “Momento-sera”, Walter Mauro fala dos “tempos cruciais de uma formação geracional mortificada pelo fascismo, pela guerra, ofendida na sua dignidade mais autêntica pelo universo invertido dos campos de concentração” (Mauro, 1975)<sup>11</sup>. Já Silvio Bertocci, em sua resenha publicada em 12 de julho no jornal “Il popolo”, órgão da Democracia-Cristã, ilustra a ideia

7. “(...) una poesia che potremmo (...) definire ‘lucreziana’, tanto il lettore è trascinato a vibrare con gli stessi ritmi, le stesse ‘simpatie naturali’ di un microcosmo di atomi e di molecole”.

8. “Sarà bene mettere in mano questo libro e molti giovani e c’è da aspettarsi che molti giovani se ne entusiasmino, perchè propone modelli di vita ammirabili ed esplicita miti positivi, dei quali in anni recenti si è sentita una notevole carestia”

9. “(...) tema dominante è quello dell’amore per il lavoro, e (...) questo è un messaggio d’amore che l’autore spera si comunichi ai giovani”

10. “(...) oggi, per troppi giovani la possibilità di accedere, per com tutti gli sforzi e l’impegno, al lavoro e alla cultura, non c’è più (...)”

11. “(...) i tempi cruciali di una formazione generazionale mortificata dal fascismo, dalla guerra, offesa nella sua più autentica dignità dell’universo stravolto della concentrazione”

de reconhecimento de uma geração a partir das histórias de um químico: “o corte autobiográfico não descamba jamais para a memorialística. Pelo contrário: articula um momento a outro, em uma dimensão de espaço-homem-tempo que culmina na historicização não só de uma existência individual, mas dos traços de uma época (...)”<sup>12</sup>, e complementa: “é a história de uma geração, de uma constante tomada de consciência sobre ser humano nos anos do fascismo” (Bertocci, 1975)<sup>13</sup>.

O tom reflexivo dessa geração aparece com força na resenha de Ada della Torre, também ela veterana da Resistência: em primeiro lugar, porque ela questiona a sua capacidade de leitora justamente por ser pessoalmente próxima a Levi: “creio que seja difícil para todos resenhar o trabalho de um amigo que mora na mesma cidade e com quem nos encontramos com frequência” (Della Torre, 1975)<sup>14</sup>. Essa perspectiva é reforçada quando afirma ter conhecido vários dos personagens retratados no livro, como Sandro Delmastro, Giulia e Emilio, respectivamente protagonistas de “Ferro”, “Fósforo” e “Estanho”. O mais interessante é que, mesmo reconhecendo a sua própria subjetividade, Della Torre, por escrever meses após o lançamento do livro e publicação de muitas resenhas, faz a crítica da crítica: “me parece que, até agora, nenhuma resenha enucleou o elemento fundamental dos escritos de Primo Levi: o elemento racional, para não dizer o triunfo da razão, algo que soaria retórico” (Della Torre, 1975)<sup>15</sup>. Nesse ponto, sua intuição não é tão precisa: o racionalismo de Levi – ao contrário da suspeita de Ada Della Torre – já havia sido destacado em pelo menos outras duas resenhas, assinadas pelos já citados Bianucci e Vacca, que, de alguma maneira, abordam o assunto ao elogiar, em A tabela periódica, a superação do abismo entre as chamadas “duas culturas”, isto é, entre as ciências humanas e as da natureza. Todavia, seria descabido exigir de Ada Della Torre a leitura de todos os comentários publicados à época sobre o livro. Por isso, vale a pena sublinhar o dado mais relevante de seu comentário: “não estou de todo segura, mas tenho a impressão de que quem leu este último livro (...) tenha preferido um capítulo ou um grupo de capítulos no qual crê se reconhecer: se se fizesse uma pesquisa, teríamos respostas diversíssimas” (Della Torre, 1975, grifo meu)<sup>16</sup>. É tentador, portanto, tentar verificar, seja quantitativa, seja qualitativamente, se as resenhas falam mais dos resenhistas em si, ou se há, a despeito da grande varie-

12. “Il taglio autobiografico non sconfinava mai nella memorialistica, anzi, ricollega momento a momento, in una dimensione di spazio-uomo-tempo che finisce con lo storicizzare non tanto una singola esistenza, ma i tratti di un’epoca (...)”

13. “É la storia di una generazione, di una maturazione civile, di una costante presa di coscienza dell’essere uomo negli anni del fascismo”

14. “Credo che sia difficile per tutti recensire il lavoro di un amico, che abita nella stessa città e che frequentiamo”

15. “Mi pare che finora nessuna recensione abbia enucleato l’elemento fondamentale degli scritti di Primo Levi: l’elemento razionale, per non dire il trionfo della ragione, che suonerebbe retorico”

16. “Non sono del tutto sicura, ma ho l’impressione che chi ha letto quest’ultimo libro (...) abbia preferito un capito o un gruppo di capitoli in cui ritiene di riconoscersi: se si facesse un’inchiesta si avrebbero risposte diversissime”

dade, alguns temas transversais e comuns. Mais ainda: alguém da própria época, como Della Torre, já manifestava uma clareza sobre a forma de apropriação do passado, de um livro cuja narrativa se ocupa da história da Itália e da Europa do século XX. O livro claramente não apenas propunha um retrato, mas também despertava, nos críticos, o significado da palavra reconhecimento, isto é, de ver-se refletido nas páginas de A tabela periódica. Nesse sentido, se oferece como um espaço de projeção a partir da qual uma geração organiza a sua experiência.

Para tentar perceber se há algo em um elemento transversal no conjunto de resenhas, identifiquei os trechos de A tabela periódica citados pelos autores, e, a partir disso, tentei perceber quais seriam as passagens favoritas, os capítulos mais lembrados e, por extensão, quais os personagens do livro frequentemente mencionados pelos resenhistas. Esse método simples de observação mostrou o seguinte: “Argônio” tem passagens transcritas pelos resenhistas dezesseis vezes por seis autores<sup>17</sup>, ainda que a maioria delas por Natalia Ginzburg, que o fez em oito ocasiões em todo o seu texto. “Ferro” é citado treze vezes em cinco textos diferentes<sup>18</sup>; “Cromo” (dez trechos também por cinco autores diversos)<sup>19</sup>, “Carbono” (oito citações)<sup>20</sup>, “Prata” e “Vanádio” (seis citações cada) também mereceram considerável atenção das críticas<sup>21</sup>.

“Argônio”, o conto de abertura no qual Levi narra a história de seus antepassados, e “Ferro”, no qual Levi lembra da sua amizade com Sandro Delmastro, possuem forte teor memorialístico, ou, para ser mais preciso, tentam elaborar perdas. Em “Ferro”, conto no qual Levi relembra o seu amigo assassinado pela milícia fascista da República de Saló, o luto é uma ação quase impossível, pois é “(...) uma ação sem esperança revestir um homem de palavras, fazê-lo reviver em uma página escrita: especialmente um homem como Sandro” (Levi, 1994, p.54). E como mostra com imensa delicadeza Natalia Ginzburg, em “Argônio” temos o retrato de um mundo extinto pelos nazistas: “o que faz dessas memórias familiares ainda mais (...) preciosas, isto que as fazem comoventes e caras ao nosso coração, é a sensação constante que circula em todo o conto, o de ter iluminado um mundo desaparecido para sempre da Terra”

17. Além de fartamente citado por Natalia Ginzburg, trechos de “Argônio” também foram diretamente aproveitados por Alessio Bruschi (3 vezes), Ferdinando Virdia, Silvio Bertocci, Roberto Cantini, Lorenzo Mondo e Walter Mauro.

18. Sossio Giametta é responsável por sete citações diretas de “Ferro”. Giorgio Saponaro e Alessio Bruschi o fizeram por duas vezes, Ferdinando Gianessi e Alberto Frasson transcreveram uma vez um trecho do conto.

19. Novamente é Sossio Giametta quem mais cita (5 vezes), seguido de Claudio Toscani (2), Alessio Bruschi, Ferdinando Virdia e Silvio Bertocci (um trecho).

20. Duas citações feitas por Alessandro Scurani, e uma por Ferdinando Gianessi, Silvio Bertocci, Sossio Giametta, Giorgio Saponaro, Alberto Frasson e Roberto Cantini.

21. Lorenzo Mondo e Alessandro Scurani reproduzem, cada um, dois trechos de “Prata”. Completam a lista, com uma citação, os autores Ferdinando Gianessi e Sossio Giametta. No caso de “Vanádio”, Alessio Bruschi e Claudio Toscani selecionaram dois trechos, ao passo que Roberto Vacca e Lorenzo Mondo apenas um.

(Ginzburg, 1975)<sup>22</sup>. Podemos, em um primeiro momento, identificar o tema da perda como um elemento capaz de permitir o autorreconhecimento de uma geração. Talvez por isso um trecho no qual Levi explicitamente fala do trabalho da palavra em busca do passado seja literalmente reproduzido em quatro das críticas, mais exatamente as assinadas por Ferdinando Virdia (1975), Silvio Bertocci (1975), Sossio Giametta (1975) e Claudio Toscani (1975). Está no capítulo “Cromo”: “era arrebatador buscar e encontrar a palavra justa, isto é, proporcionada, exata e forte; extrair as coisas da memória e descrevê-las com máximo rigor e mínimo embaraço” (Levi, 1994, p.153).

Por que esse trecho seria tão importante? Em primeiro lugar, porque em “Cromo” Levi lembra do momento no qual decide escrever. É como se a crítica reforçasse esse potencial do livro como uma obra através da qual a elaboração das perdas passa necessariamente pela elaboração da palavra escrita – razão pela qual o também muito citado “Carbono” é um capítulo no qual, como muito bem disse Martina Mengoni (2019a, p. 18), está contida a poética de Primo Levi. Nesse sentido, o par de capítulos “Vanádio” e o já citado “Ferro” é muito expressivo; ou, para ser mais preciso, o fato de seus protagonistas, o dr. Müller e Sandro Delmastro, serem de longe os personagens mais lembrados nas críticas. Um aferimento inicial mostra que cada um é mencionado em oito resenhas<sup>23</sup>, sendo que cinco delas citam ambos. Pode-se inferir, portanto, que falar de um quase atrai a menção ao outro, conquanto os capítulos nos quais ambos aparecem estejam distantes entre si (“Ferro” é o quarto e “Vanádio” é o vigésimo, ou seja, o penúltimo). Isso em si merece alguma consideração, ainda que breve.

Sandro pode ser visto como representante de uma figura heroica. A imagem de seu corpo deixado insepulto pelos nazifascistas da República de Saló nos remete à história de Antígona. E seu heroísmo estava todo contido em seus atos: “de suas ações falava com extrema parcimônia. Não pertencia à raça daqueles que fazem as coisas para poder contá-las (como eu): não apreciava as grandes palavras, ou melhor, as palavras” (Levi, 1994, p. 49). O Dr. Müller<sup>24</sup> era o seu exato oposto. É o protagonista de “Vanádio”, penúltimo capítulo do livro, no qual Levi narra o seu reencontro acidental com ele, antigo membro da SA e que havia trabalhado como civil em Auschwitz, onde Levi o conhecera. A casualidade do reencontro se deu através de uma correspondência profissional entre as empresas onde ambos trabalhavam, Levi na Itália, Müller na Alemanha, e Levi não demoraria a descobrir que se tratava do mesmo Müller com o passado de colaboração com o regime do Terceiro Reich, “nem infame, nem herói”

22. “Ciò che rende queste memorie famigliari ancora più (...) preziose, ciò che la rende care al nostro cuore e strazianti, è la sensazione costante che circola in tutto il racconto, di avvere illuminato un mondo scomparso della terra per sempre (...)”

23. Sandro Delmastro aparece nas resenhas de Lorenzo Mondo, Alessio Bruschi, Roberto Vacca, Giorgio Saponaro, Guido Lopez, Ada della Torre, Claudio Toscani e Alessandro Scurani. Cinco desses críticos (Mondo, Bruschi, Della Torre, Lopez e Saponaro) também destacam o Dr. Müller. Também encontramos o nome de Müller nas críticas assinadas por Ferdinando Gianessi, Aldo Borlenghi e Alberto Frasson.

24. Análises importantes sobre o personagem Müller (que, na verdade, se chamava Meyer), consultar Belpoliti (2015, p. 264-266) e Martina Mengoni (2019b, p. 459-460).

(Levi, 1994, p. 221). Um ser humano “tipicamente cinzento, um dos poucos portadores de um olho só no reino dos cegos” (idem).

Entre ambos há diferenças: em primeiro lugar, a relação com a palavra. Sandro economiza e recusa a própria monumentalização, enquanto Müller abusa do discurso, dando-lhe um poder de domesticar o passado. Por ter lido a tradução alemã de *É isto um homem?*, Müller não representa somente o retorno do passado, mas, em seu retorno, mostra também como esse passado deve ser representado<sup>25</sup>. Para Levi, Müller “talvez, de boa-fé, houvesse construído para si um passado conveniente” (Levi, 1994, p. 220). Trata-se de um ponto central para pensarmos a atenção da crítica ao trecho no qual Levi fala da escrita “com o máximo rigor e mínimo embaraço”. Afinal, como ele mesmo o diz também nas páginas de “Vanádio”, “(...) a perfeição pertence às coisas que se narram, não às que se vivem” (Levi, 1994, p. 215), algo sumamente violento (Levi, 1994, p. 222). Em segundo lugar, temos a contraposição entre uma figura de um herói insepulto, cujo luto deve ser feito com palavras, e outro, nada heroico, nada infame. Levi reconhece a dificuldades das palavras para falar de sua perda, ao passo que, para Müller, o discurso domesticador do passado é conveniente porque tenta “virar a página”, afirmando arbitrariamente o momento no qual a perda (de vidas humanas) deixa de gerar sofrimento.

Esse conjunto de resenhas nos permite, portanto, estabelecer provisoriamente algumas características da apreensão de *A tabela periódica*. As críticas balizariam a recepção do livro a partir de alguns temas: o primeiro deles é o da identidade de uma geração, seja como recurso para elaboração do que eles entendem ser uma geração mais jovem, seja como um espelho para o reconhecimento de si. Um segundo tema seria a da perda, que estaria muito ligado ao par Sandro Delmastro/Dr. Müller, a partir do qual se perceberia a atenção voltada para os cuidados com a linguagem e a tematização das possibilidades do heroísmo.

### As estruturas de elaboração: “o empenho de recordar”

A presença constante nas resenhas de um alemão ambíguo e pouco heroico, mas não por isso isento de responsabilidade, me fez lembrar um outro personagem alemão de uma obra também importante da literatura italiana da década de 70<sup>26</sup>. Trata-se do soldado Günther, de *A História*, de Elsa Morante.

A associação entre um e outro não foi fortuita: decidi ler *A História* porque é uma das obras de terceiros mencionadas nas resenhas, mais precisamente na crítica

25. Peço licença para dar uma referência a um texto de minha autoria, no qual abordo como diferentes personagens de *A tabela periódica* são, eles mesmos, narradores (Caldas, 2022).

26. Para uma ótima análise de como a representação do italiano se deu a partir de um distanciamento da representação do alemão, ver os comentários de Robert S. C. Gordon em seu ótimo *The Holocaust in Italian Culture 1944-2010*, em especial quando fala do sucesso do livro *Intervista sul fascismo*, de Renzo de Felice Gordon, 2012, p. 146).

assinada por Guido Lopez (1975). Ainda que me atenha a somente um livro para pensar uma dimensão estrutural, considero metodologicamente justificável esse critério de escolha. Espero não me equivocar ao pressupor que, ao mencionar uma obra e fornecer uma referência ausentes nas páginas do livro resenhado, um crítico presume valer-se de um elemento considerado válido à época e disponível ao público para que esse, caso não tivesse lido ainda A tabela periódica, pudesse imaginá-lo, dando-lhe, assim, ferramentas para associar, comparar, criar expectativas, e, no caso daqueles que já o tivessem lido, potencializar a sua experiência de leitura. Por outro lado, não posso deixar de reconhecer o risco de contar com outras obras mencionadas nas críticas, pois essa referência pode provavelmente estar falando mais do crítico do que do público. Ao citar obras de terceiros em uma resenha sobre um livro, o autor de uma resenha pressupõe que o público tenha essa mesma referência, idealizando o seu público leitor.

No caso, o repertório presumido – e até mesmo idealizado – nas resenhas é composto, salvo lacunas no levantamento, pelas seguintes obras: além do livro de Morante, há referências feitas por Alberto Frasson (1976) ao premiado Léxico familiar, de Natalia Ginzburg e aos “heróis taciturnos” de Cesare Pavese, e os paralelos, estabelecidos por Alessio Bruschi, entre A tabela periódica e as Cosmicômicas, de Italo Calvino, e o conto “Una lapide in Via Mazzini” (“Uma lápide na Rua Mazzini”), de Giorgio Bassani, que, tal como o livro de Levi, se destaca, nas palavras do crítico, pelo “empenho de recordar” (Bruschi, 1975)<sup>27</sup>. Uma bela expressão, diga-se de passagem, para nomear as estruturas de elaboração daquele momento.

Não há como dar conta, dentro dos limites deste artigo, de uma análise de todas as referências acima. Escolhi A História pelos seguintes motivos: (1) ambos os livros se definem como sendo de história, ainda que, claro, não acadêmicas; (2) as suas narrativas se organizam de maneira linear e cronológica, e se os títulos dos capítulos de Levi são nomeados de acordo com elementos químicos, os de Morante o são a partir dos anos do calendário, com exceção do primeiro (.....19\*) e do último (19\*.....) estando os demais compreendidos entre 1941 e 1947; (3) o livro de Morante foi publicado em 1974, ou seja, apenas um ano antes de A tabela periódica, o que torna razoável imaginar que os leitores da crítica de Lopez ainda o guardavam fresco na memória. Se não o leram, pelo menos talvez tenham acompanhado um pouco a repercussão do livro, mesmo porque A História havia acabado de ser motivo de debates e contrové-

.....

27. Nos casos das três resenhas de Frasson, Bruschi e Lopez não me parece infundado, da parte dos críticos, pressupor um repertório, posto que dois dos periódicos são especializados em literatura e política, a saber, “Uomini e libri”, “L’osservatore-politico letterario” e “L’Umanità”, este último órgão do Partido Socialista. Portanto, imagina-se que seja um leitor especialmente interessado em algo mais aprofundado do que o habitualmente encontrado no conteúdo diversificado dos grandes jornais.

sias<sup>28</sup>. A julgar pelo levantamento apresentado na nota bibliográfica da sua edição de 2014 pela Einaudi, o livro foi objeto de mais de oitenta resenhas só no ano de seu lançamento (Morante, 2014, p. xxvii-xxii).

Não pretendo enfrentar a totalidade de um romance imenso como *A História*. Proponho, então, como filtro, as palavras do próprio Guido Lopez<sup>29</sup>, para quem o livro de Morante era uma “rapsódia populista”. Em contraposição, *A tabela periódica* seria “(...) o verdadeiro livro no qual é dada a História de nossa época através das palavras de um sobrevivente que se reconcilia com a vida” (Lopez, 1975). De fato, *A História* poderia ser considerado um livro pessimista. Mas o meu objetivo aqui não é avaliar a pertinência das palavras de Lopez, mas tentar ver quais temas presentes em *A História* podem indicar aspectos da estrutura de elaboração de *A tabela periódica*. Lopez parece colocar em disputa – ganha, segundo ele, por Levi – sobre qual seria a melhor forma de se escrever o “romance de uma geração”.

Mas qual seria a ideia de história do romance de Morante? Contada na voz de uma narradora híbrida, em grande parte onisciente, mas que, em algumas passagens, deixa claro que conheceu direta e pessoalmente os personagens envolvidos, essa ideia aparece no final do livro:

(...) na mente néscia e imatura daquela mulherzinha (...) também rodavam (...) as cenas da história humana (*A História*), que ela reconheceu como as espirais múltiplas de um assassinato interminável. E hoje, o último assassinado era o seu bastardozinho Useppe. Toda a História e todas as nações tinham feito um pacto com esta finalidade: o massacre do garotinho Useppe Ramundo (Morante, 1974, p. 594).

Essa “mulherzinha” é a protagonista do livro, Ida Ramundo, uma professora de origem judaica e nascida em 1903 na cidade de Cosenza, na Calábria, mas que precisou mudar-se para Roma, onde habita no bairro proletário de San Lorenzo. Como está no trecho, ela tem um filho, Useppe, uma criança com olhar encantado para um mundo que a excluiu pela miséria e pela doença. Apesar do protagonismo de Ida, o primeiro personagem a aparecer é o pai biológico de Useppe, o soldado alemão Günther, cujo “(...) sobrenome permanece desconhecido” (Morante, 1974, p. 14). Günther cresceu em uma aldeia da Baviera, e se encontra em Roma em sua primeira experiência fora de seu país. Ele perambula pelas ruas de San Lorenzo durante uma tarde livre em janeiro de 1941 em busca de sexo: “para dizer a verdade, a única coisa que procurava

.....

28. Um exemplo de uma crítica feroz do livro de Morante é a escrita por Pier Paolo Pasolini: <http://www.centrostudipierpaolopasolinicasarsa.it/approfondimenti/ppp-su-la-storia-di-elsa-morante/> Acessado em 23. Fevereiro 2023. Agradeço a Irma Caputo por ter me mostrado esse texto de Pasolini em uma de nossas aulas de italiano, durante as quais lemos no original trechos generosos do romance de Morante (pelo que também sou grato).

29. Segundo o site da Fondazione Mondadori, Guido Lopez foi um jornalista e uma figura importante da comunidade judaica de Milão: <https://www.fondazionemondadori.it/rivista/il-carteggio-guido-lopez/nota-biografica-2/> Acessado em 10. Junho. 2023.

naquele momento, por instinto, pelas ruas de Roma, era um bordel” (Morante, 1974, p.16). Essa figura desgarrada e ambígua, de “caminhar marcial” e “olhar desesperado” (Morante, 1974, p. 13), bate na porta da casa de Ida – que de modo algum era um bordel. Günther a estupra. Viúva e já mãe de um filho, Ninnarieddu, Ida engravida e dá à luz Useppe.

Chama a atenção, a meu ver, o procedimento de Morante: para que possa criar uma imagem da violência sofrida por Ida, a narrativa retrocede no tempo, fazendo, então, um flash back para reconstruir a sua trajetória e a da sua família. Filha de um casal formado por um homem anarquista e uma mulher de origem judaica, as condições nas quais cresceu fizeram com que, provavelmente, ela sempre permanecesse idêntica a si mesma: a morte de sua mãe, Nora, é uma descrição do desespero dos judeus na Itália (e na Europa)<sup>30</sup>. A passagem do livro é especialmente tocante e merece ser brevemente lembrada: o corpo de Nora é encontrado boiando em uma tentativa de fugir e encontrar alguma liberdade, e a própria narradora, como historiadora cautelosa perante um evento sem comprovações, prefere deixar indeterminada a razão da morte de Nora. O que é compartilhado com o leitor é o sofrimento de Nora causado pela perseguição aos judeus na Itália e na Europa, pela angústia perante a impossibilidade de encontrar uma saída. Tal como Levi em “Argônio”, mas com um tom muito mais trágico, Morante reconstrói o passado das raízes judaicas de uma família italiana, de um mundo que deixaria de existir.

Ida herdaria de Nora esse medo atávico, capaz de aniquilar qualquer subjetividade e possibilidade de participação ativa no mundo.

Ida permanecera uma menina, porque o seu principal relacionamento com o mundo sempre fora e continuava a ser e permanecia, tivesse ela ou não conhecimento disso, uma sujeição amedrontada. Os únicos que, na realidade, não lhe causavam medo tinham sido pai, marido, e mais tarde, talvez, os alunos. Para ela, todo o resto da humanidade representava uma insegurança destruidora; (...) E nos imensos olhos, amendoados e escuros, havia uma doçura passiva, de uma barbaria muito profunda e incurável, que parecia conter um conhecimento antecipado das coisas (Morante, 1974, p.19)

O manter-se identicamente a si mesma contrasta com a estrutura cronológica linear do romance, o que, de alguma maneira, reforça o pessimismo de uma mudança temporal ocorrida somente no calendário. Há aí outra semelhança com *A tabela periódica*: ao ler a história da formação – ou da impossibilidade de uma – de Ida Ramundo, é

.....

30. A maneira como a narradora apresenta Nora é um ótimo exemplo dessa convivência entre a voz onisciente e a voz testemunhal. Esta fica clara na seguinte frase: “Só conheço Nora através de uma fotografia do tempo de noivado” (Morante, 1974, p. 49). Já a primeira é expressiva, e especialmente tocante, no seguinte trecho: “Creio que a morte a tenha surpreendido inconsciente (...) Naquelas regiões da costa e naquela estação, as marés são suaves, principalmente na lua nova. Através de sua viagem inacabada, alucinada e quase cega na escuridão da noite, ela deve ter perdido a noção de direção e até mesmo a percepção sensitiva” (Morante, 1974, pp. 48-9).

possível consegue entender como as condições sociais e culturais, caracterizadas por restrições econômicas e opressão política (como as leis raciais promulgadas em 1938 por Mussolini), impediram Ida de mudar ao inserir o medo como pilar estruturante (e paralisante) de sua relação com o mundo. Ida passa grande parte da guerra tentando esconder as suas origens judaicas, e esse grande esforço se revela em seu olhar apavorado ao abrir a porta da sua casa e encontrar um alemão vestido com um uniforme. Ida acreditou firmemente se estar fazendo presente no “encontro terrível que lhe estava predestinado desde o início do mundo” (Morante, 1974, p. 59). Essa breve descrição do olhar de Ida parece-me central, pois nesse olhar<sup>31</sup> está a imagem de uma representação. O público leitor, então, não é apresentado objetiva e realisticamente a um alemão, mas a uma representação do mesmo na mente apavorada de Ida. O público é apresentado à insignificância histórica de Günther – morto horas depois de cometer o estupro – mas também ao pavor vivido por Ida. Curiosamente, Müller também morre subitamente logo após a troca epistolar. Uma vez feita, portanto, esse breve apresentação de *A História*, talvez seja possível identificar uma pergunta subjacente tanto ao romance de Morante como ao livro de Primo Levi: *quais as possibilidades de formação e transformação de vidas isoladas em meio ao fascismo (e ao seu legado)?*

### A função: “histórias de química solitária”

O tom prevalentemente elogioso das resenhas sobre A tabela periódica poderia indicar uma concordância perfeita e sem atritos entre autor e crítica, mas essa conclusão bem pode ser precipitada. É necessário, portanto, fazer um esforço para compreender e reconstruir a capacidade do livro em ser “uma intervenção no mundo” (Iser, 1996, p. 15). Essa intervenção, quando ocorre, se mostra

(...) enquanto reorganização daqueles sistemas de referência, os quais o repertório do texto evoca. Nessa reorganização de referências relevantes, evidencia-se a intenção comunicativa do texto, a qual se inscreve em certas instruções para a sua compreensão (idem).

Quais seriam, portanto, as “instruções para a compreensão” de A tabela periódica? Elas realmente foram plenamente compreendidas pela crítica? Caso sim, partindo do pressuposto de que a recepção imediata pode implicar uma adequação entre intenção autoral e referências já existentes, como o livro as reorganizaria?

Mesmo não sendo possível desenvolver a contento todas as questões acima, um primeiro passo seria o de considerar o registro de entrevistas concedidas por Levi na época do lançamento como um encontro entre a “intenção comunicativa” (do autor) e o “sistema de referências” (do público). Não há como tratar de todas as entrevistas e conversas aqui, e como a escolha é sempre incontornável, me limito a um

.....  
31. Ver, a título de comparação, as belas reflexões de Robert Gordon sobre a dimensão ética do olhar em Primo Levi (Gordon, 2003, p. 14-52)

encontro ocorrido em setembro de 1975 no “Club Leo” de Cuneo. Em primeiro lugar, porque Levi chega mesmo a comentar algumas das críticas, como as assinadas por Natalia Ginzburg, Ada Della Torre e Guido Ortona (Levi, 2018, p. 67-71). Em segundo, porque nela Levi explicitamente fala de sua intenção inicial para a escrita de A tabela periódica: “eu me propus um programinha, que era - substancialmente - o de um livro de educação. Isto é, eu queria (...) dar a entender aos não-químicos o sabor do nosso ofício” (Levi, 2018, p. 64)<sup>32</sup>. Na sequência da mesma fala, ele cita um trecho do conto “Prata”, no qual alega se encontrar a essência da proposta do livro.

Disse-lhe [a Cerrato] buscar eventos, meus e de outros, e que pretendia expor num livro para ver se conseguia sugerir aos profanos o sabor forte e amargo de nosso ofício, que é afinal um caso particular, uma versão mais denodado do ofício de viver. Disse-lhe não parecer justo que o mundo soubesse tudo sobre como vive o médico, a prostituta, o marinheiro, o assassino, a condessa, o romano antigo, o conjurado e o polinésio, e nada sobre como vivemos nós, os transformadores da matéria; mas que nesse livro iria deliberadamente deixar à parte a grande química, a química triunfal das instalações colossais e das manipulações vertiginosas, porque esta é a obra coletiva e, portanto, anônima. Me interessavam mais as histórias de química solitária, inerme e pedestre, feita à medida do homem, que com poucas exceções fora a minha: mas que fora também a química dos fundadores, que não trabalhavam em equipe mas sim sozinhos, em meio à indiferença de seu tempo, em geral sem ganhos, e enfrentavam a matéria sem ajuda, com o cérebro e as mãos, com a razão e a fantasia (Levi, 1994, p. 204).

A considerar pelo trecho acima, o encontro entre autor e público ocorreu sem grandes fricções, tanto que Lorenzo Mondo (1975), Ferdinando Gianessi (1975), Sossio Giametta (1975) e Alessandro Scurani (1975) o apreciaram a ponto de tê-lo transcrito, em maior ou menor extensão, em suas resenhas. Nesse ponto, parece ocorrer uma impressionante concordância entre autor e críticos. Todavia, antes de qualquer consideração a respeito dessa passagem e de como ela pode reorganizar o sistema de referências dos críticos, é importante apresentar um resumo da história de “Prata”.

Cerrato, protagonista do conto, é um ex-colega do curso de química na Universidade de Turim, e Levi o encontra em uma festa de 25 anos de formatura de sua turma. O convite chega a Levi através de uma carta. Por temer o tédio esperado desse tipo de reunião, Levi quase o recusa, mas acaba mudando de ideia. Enquanto vacila entre ir ou não ao encontro, ele especula quem poderia ter sido o autor do convite, até então anônimo, mas não demora a suspeitar de Cerrato, ideia que se confirma durante a festa, onde ambos se encontram. É no contexto da conversa entre os dois que Levi se recorda das palavras citadas acima. Esse dado é importante, sobretudo, se prestarmos atenção nas primeiras palavras do trecho: “Disse-lhe buscar eventos”. É um paradoxo:

.....

32. “Io me ero fato un programmino, che era quello - in sostanza, di un libro di educazione. Cioè volevo (...) far comprendere ai non chimici il sapore del nostro mestiere”.

por mais que Levi inserisse aí já um elemento metalinguístico (desenvolvido plenamente em “Carbono”, último capítulo do livro), Levi não constrói o evento: o evento (o encontro com Cerrato na festa) vai até ele. E o mesmo ocorre na história que Cerrato lhe conta uma história envolvendo um problema enfrentado quando trabalhava na Alemanha(!) no pós-guerra e que lhe custara grandes aborrecimentos com clientes da empresa da qual era funcionário. Um problema de difícil solução, um verdadeiro enigma, mas que, no final, e muito por acaso, ele encontrara a solução. Levi fica satisfeito com o que ouve:

Ficaríamos [Levi e Cerrato] em contato, cada qual recolheria para o outro novas histórias como esta, em que a matéria estólida manifesta uma astúcia voltada para o mal (...) para a obstrução, como que se rebelando contra a ordem cara ao homem: à maneira dos párias temerários, mais sequiosos da ruína alheia do que do próprio triunfo, que nos romances surgem dos confins da terra para liquidar a aventura dos heróis positivos (Levi, 1994, p. 210)

É este o tipo de história desejada por Levi. Mas como seria esse tipo de história na qual o “herói positivo” é liquidado também uma forma de história de química solitária? Quero me deter um pouco mais nesse aspecto de “química solitária”, pois – essa é a minha hipótese inicial – é a solidão de Cerrato que faz dele um dos personagens mais ricos do livro, precisamente porque a sua solidão permite uma séria complexa de identificações<sup>33</sup>.

Cerrato foi um homem solitário porque não se transformou, permanecendo idêntico a si mesmo por sua incapacidade em se alterar a partir da relação com sua circunstância histórica, “em meio à indiferença de seu tempo”. O retrato pintado é melancólico e até um pouco triste: após vinte e cinco anos, “a sua figura não mudara muito” (Levi, 1994, p. 203). E embora se deva fazer jus a Cerrato por ter, entre as suas características imutáveis, a honestidade e a correção moral, o jamais ter compactuado com o fascismo, a dificuldade em se transformar parece se explicar através de uma impossibilidade em se deslocar, e de reagir (para usar um termo químico) com outros elementos do ambiente e da circunstância onde se vive: “Cerrato não se propusera a nada, não se expusera a nada, permanecera bem trancado em casa, e certamente devia estar preso nos ‘anos dourados’ dos estudos, porque todos os seus outros anos foram de chumbo” (Levi, 2014, p. 202). A sua solidão se inscreve, portanto, no tempo.

Cerrato não é o primeiro personagem do livro “trancado em casa”. Há um precedente desse tipo de comportamento em alguns dos antepassados lembrados em

.....

33. Em um capítulo dedicado exclusivamente ao capítulo “Prata”, Anna Baldini (2022) também mostra como essa história possui vários aspectos intertextuais com outros capítulos do livro. Baldini argumenta como em “Cromo” Levi também fala do surgimento de sua necessidade de escrever; a autora defende também a relação de “Prata” com “Vanádio”, na medida não só em que coloca Levi mais na posição de ouvinte do que na de protagonista, mas também porque tematiza histórias de desventura, ainda que estando em “Prata” a origem do mal localizada na natureza, e em “Vanádio” na ação humana. Por outro lado, há um dado interessante em comum entre Cerrato e Müller: ambos chegam até Levi através de cartas, e ambos apresentam uma narrativa sobre o passado.

“Argônio”, como Barbaricô, Nona Fina, e, sobretudo, Barbabramín, que ficara em sua cama por vinte e dois anos após os seus pais impedirem o seu namoro com Susana, uma góí. Sobre esse longo período, “não há dúvida de que em boa parte os dormiu e os dissipou” (Levi, 2014, p. 22). Mas esse não é o único laço entre Cerrato e outros momentos do livro.

O trecho citado acima ainda nos permite associações com outros dois capítulos do livro: “Ouro” e “Chumbo”, ambos relacionados ao tema do encontro geracional, que, nesse sentido, serve como espelho: o capítulo oferece uma maneira através da qual uma geração pode se objetivar, sair de si e de suas idealizações – “os anos dourados”, isto é, de ouro, metal que serve de título para um capítulo no qual Levi fala precisamente de sua história de sua transição geracional da passividade, superficialidade e cinismo (Levi, 1994, p.128) para amadurecer politicamente e se tornar um partigiano (Levi, 1994, p. 129). No capítulo “Chumbo”, Levi associa o elemento à morte, com a qual são feitas estátuas fúnebres, metal que preserva a alma, mas também um metal do luto, do desejo de cair, sendo também o metal do “planeta Turisto”, o mais “lento” dos planetas (Levi, 1994, p. 90-91). Chegamos assim novamente ao tema do imobilismo, vemos um certo parentesco com Ida Ramundo, cuja vida é marcada por perdas e pela impossibilidade de mudar. Por outro lado, parece-me fazer sentido entender as palavras de Levi para Sandro como as do amigo enlutado<sup>34</sup>.

Ao notarmos como a solidão de Cerrato ultrapassa os limites do capítulo, podemos especular que a presença, ainda que discreta e difusa, da própria palavra “solidão” ao longo de A tabela periódica pode ser mais do que uma coincidência: há, por exemplo, a solidão amorosa, expressa nos tocantes momentos de um jovem Primo Levi em busca do amor feminino em jovens amigas e colegas. É especialmente delicada a cena relata em “Zinco”, intensamente revivida por Levi quando ele se recorda ter andando de braços dados com Rita (Levi, 1994, p. 41-424), uma colega de laboratório, ela também uma pessoa muito solitária e isolada (Levi, 1994, p. 40). Tal como Levi, Rita lia A montanha mágica, de Thomas Mann, um romance de formação passado no isolamento de um sanatório para tuberculosos, no qual o seu jovem protagonista, Hans Castorp, se apaixona por uma interna, Clawdia Chauchat<sup>35</sup>; ou ainda a lembrança extremamente sensível de que o não ter retribuído o abraço de Giulia (Levi, 1994, p. 117-118) poderia ter – ou não – mudado a sua vida: é o momento no qual Levi também não conseguia “interagir”. Essa solidão amorosa, porém, rapidamente adquire

34. O mesmo ocorre em suas palavras sobre Alberto Della Volta, que morre na Marcha da Morte e, portanto, permanece insepulto. Sua história, segundo Levi, também deve ser narrada: “Alberto não voltou, e dele não resta vestígio algum” (Levi, 1994, p. 146). Salvo erro meu no levantamento e análise das resenhas, Alberto é um personagem esquecido nas críticas. Trata-se de um silêncio digno de reflexão, sobretudo, porque a história de Alberto é contada em “Cério”, o único capítulo ambientado no *Lager*. Como já foi observado em alguns estudos (Moiroux, 2003, p. 141–142; Giuliani, 2006, p. 9; Mengoni, 2015, p. 161; Maciera, 2019, p. 117), deve ser levado em consideração que, apesar de ser o único capítulo passado em Auschwitz, “Cério” é o décimo-primeiro capítulo, isto é, está precisamente no *meio* do livro.

35. Para um estudo sobre Levi como leitor de Thomas Mann, ver Mengoni (2020).

contorno político: “poucos meses antes tinham sido proclamadas as leis raciais, e eu também estava me tornando um solitário” (Levi, 1994, p. 45), relembra Levi a respeito do mês de março de 1939. O “também” refere-se à companhia de Sandro: “Entre nós, Sandro era um solitário” (Levi, 2014, p. 45), o mesmo cujo corpo seria deixado só pelos fascistas. E isso me leva a falar de outra camada da solidão: a política.

Em outras situações, a solidão dos tempos do fascismo aparece de maneira mais discreta. Ela pode ser sinônimo de consciente falta de identificação com a circunstância, mais precisamente com o legado do passado transmitido institucionalmente pelo liceu: “na escola me ministravam toneladas de noções que digeriria com diligência, mas que não me arrebatavam”, e conclui: “era enervante, nauseabundo, escutar discursos sobre o problema do ser e do conhecer, enquanto tudo em torno a nós era mistério que lutava por desvelar-se” (Levi, 1994, p. 28-9). A necessidade de se colocar contra um sistema de ensino profundamente impregnado pela retórica fascista já era bastante consciente no jovem Primo Levi, ou seja, o narrador de *A tabela periódica* sabe que o seu personagem quando jovem já se posicionava de alguma maneira contra o regime de Mussolini. Aqui teríamos uma solidão vivida a partir da experiência da marginalização, de saber não ocupar o centro, e de não identificar-se com ele.

Essa forma de oposição consciente, porém, ainda é parcial, e nem todas as formas de relacionamento com o fascismo se esgotam em um afastamento deliberado, e podem dar à solidão outra face, consciente só a posteriori pelo narrador: “nem em nós, nem em nossa geração (...) fôssemos ‘arianos’ ou judeus, despontara a ideia de que se devia e podia resistir ao fascismo. Nossa resistência de então era passiva, limitava-se à rejeição, ao isolamento, ao não deixar-se contaminar” (Levi, 1994, p. 56), ou seja, era uma postura muito semelhante ao comportamento de Cerrato. Aqui a solidão é a da anestesia produzida pela censura fascista, cujo efeito é a “cegueira voluntária” (Levi, 1994, p. 55), a alienação: Levi e seus amigos se permitiam frequentar salas de concerto e teatro quando a situação política já era bastante grave (Levi, 1994, p. 128).

A polissemia da palavra “solidão”, manifesta como solidão temporal, amorosa, marginalização e alienação, permite uma série de identificações a partir de Cerrato: o do encontro de uma geração consigo mesma, e de ver que pode permanecer representado o próprio passado como “dourado”; e, nisso, uma dificuldade de saber perder, isto é, de criar um novo discurso sobre a própria história. Cerrato pode ser, então, imóvel como Ida Ramundo. Mas – e isso é importante – Cerrato oferece um desafio, no qual ele barra as identificações: ele rompe com a dicotomia na qual as resenhas se prendem e reforçam, a saber, entre o herói insepulto (Sandro) e figura cinzenta como Dr. Müller, “nem infame, nem herói”. As críticas não em vão destacaram os protagonistas de “Ferro” e “Vanádio”. Mas Cerrato abre a possibilidade de se refletir sobre uma maneira de se relacionar com o passado: alguém incapaz de sair do abrigo de um passado imaginado como dourado é ao mesmo tempo alguém que conta a história de uma perda, de uma derrota capaz de liquidar os heróis positivos.

Talvez essas ambivalências tenham deixado Levi contente com a sua história. Por isso, *A tabela periódica*, reconhecidamente um livro heterogêneo (Mengoni, 2019a, p. 62-63), traz uma questão: como contar histórias nas quais o heroísmo perde o seu sentido positivo, isto é, como assimilar a perda da figura heroica, saber velá-la, sustentar a solidão inerente à perda de referências, mas sem jamais consentir com a ideia de “superação do passado” inerente à narrativa domesticadora – e, por isso mesmo, violenta – figurada no discurso do Dr. Müller?

### Ao invés da conclusão

Por se tratar ainda de uma investigação em estado inicial, há mais lacunas a reconhecer do que teses a sustentar. A propósito da apreensão das críticas, por exemplo, seria necessário estabelecer a relação entre o perfil específico dos autores e os meios de comunicação por ele utilizados para publicação. O que significa a crítica de uma escritora relevante como Natalia Ginzburg publicada em uma publicação de massa como o *Corriere della Sera*? Os periódicos de público leitor com perfil mais definido – jornais ligados a partidos políticos, periódicos voltados para literatura, ou publicações mais regionais do que nacionais (um fator importante quando se fala de cultura italiana) – teriam influenciado, de alguma maneira, nos termos nos quais as resenhas foram publicadas, ou diriam mais a respeito dos contornos desse mesmo público? Não podemos nos esquecer, por exemplo, que a resenha de Guido Lopez foi publicada em uma revista literária. Com relação às estruturas de elaboração seria importante avançar não somente na análise de *A História* (falta explorar, por exemplo, a Ninnarieddu como personagem também imóvel apesar de tentar sempre se afirmar, ora como fascista, ora como partigiano, ora como alguém que tenta abocanhar para si um pedaço da sociedade de consumo), análise com outras obras de autores mencionados nas resenhas (Calvino, Pavese e a mesma Ginzburg), e talvez ir além das referências dadas na referência. Como lembra Domenico Scarpa, no imediato pós-guerra, as narrativas ficcionais italianas, tanto na literatura como no cinema, começaram a criar um tipo de herói nacional ou mesmo de anti-herói que podem perfeitamente ter criado um sistema de referências comuns: “o sobrevivente, o indivíduo que em uma guerra total soube se virar para não morrer, é o herói nacional italiano do novecentos” (Scarpa, 2019, p. 292). Por fim, para compreender melhor a capacidade de um livro como *A tabela periódica* reorganizar esse mesmo sistema de referências, seria essencial abordar outros capítulos do livro. Assumindo o caráter ainda de experimento inicial, fiquei com somente um. Claro, com uma leve sensação de ter entendido o significado do experimento de Levi narrado em “Hidrogênio”: “Deu-se uma explosão, pequena mas seca e irada, o vidro se estilhaçou (por sorte, tinha-o à altura do peito, não mais acima) e me restou na mão, como um símbolo sarcástico, o círculo do fundo” (Levi, 1994, p. 33). ●

## FONTES

- BERTOCCI, S. 1975. [Resenha de] “Il sistema periodico”. Il popolo: organo del Partito della democrazia cristiana, Milão, 12 jul.
- BIANUCCI, P. 1975. Primo Levi sul crocevia tra scienza e letteratura. Nuova gazzetta del popolo, Turim, 14 mai.
- BORLENGHI, A. 1975. Il nuovo libro di Primo Levi, “Il sistema periodico”. Resenha lida no programa de rádio L’Approdo, 3 nov.
- BRUSCHI, A. 1975. Le formule politiche del chimico scrittore. L’Umanità: quotidiano del Partito socialista democratico italiano, Roma, 29 mai.
- CANTINI, R. 1975. Le belle storie di Primo Levi sono una lezione di morale. Epoca, Milão, 12 jul.
- DELLA TORRE, A. 1975. Primo Levi, Il sistema periodico. La Comunità: bimestrale ebraico torinese, a. I, n. 1, Turim, out.
- FRASSON, A. 1976. [Resenha de] “Il sistema periodico”. L’Osservatore politico letterario, Milão, jan 1976.
- GIAMETTA, S. 1975. [Resenha de] “Il sistema periodico”. Il mattino, Nápoles, 12 jul.
- GIANNESSEI, F. 1975. Dai lager alla chimica con la stessa modestia. Il Giorno, Milão, 31 mai.
- GINZBURG, N. 1975. Fra guerra e razzismo. Corriere della Sera, Milão, 25 mai.
- LOPEZ, G. 1975. [Resenha de] “Il sistema periodico”. Uomini e libri: rivista letteraria, Milão, 20 ago.
- MAURO, W. 1975. Levi, scienza e letteratura. Momento-sera, Roma, 19 jun.
- MONDO, L. 1975. Le vitali alchimie. La Stampa. Turim, 24 mai.
- ORTONA, G. 1975. Primo Levi, “Il sistema periodico”. La Comunità: bimestrale ebraico torinese, a. I, n. 1, Turim, out.
- SAPONARO, G. 1975. [Resenha de] “Il sistema periodico”. La Gazzetta del Mezzogiorno, Bari, 16 jul.
- SCURANI, A. 1975. “Il sistema periodico di Primo Levi”. Letture: rassegna critica del libro e dello spettacolo, Milão, out.
- TOSCANI, C. 1975. [Resenha de] “Il sistema periodico”. Il ragguaglio librario: Il ragguaglio librario: rassegna mensile bibliografico-culturale, Milão, set.
- VACCA, R. 1975. Il libro migliore. La Nazione. Florença, 03 jul.
- VIRDIA, F. 1975. Lo scrittore e la chimica. La fiera letteraria: settimanale delle lettere, delle arti e delle scienze, Roma, 16 jul.

## BIBLIOGRAFIA

- BALDINI, A. 2022. “Argento”. In: MAGRO, F.; SAMBI, M. (orgs.). *Il sistema periodico di Primo Levi: Letture*. Parma: Parma University Press, pp. 285-296.
- BELPOLITI, M. 2015. *Primo Levi di fronte e di profilo*. Milão: Ugo Guanda.
- BUCCIANI, M. 2011. *Esperimento Auschwitz – Auschwitz Experiment*. Turim: Einaudi.
- CALDAS, P. 2022. “Metamorphoses of the past: a study of Primo Levi’s *The Periodic Table*”, *Rethinking History*, vol. 26, n. 2, pp. 232-249.
- CANNON, J. 1992, “Canon Formation and Reception in Contemporary Italy: The Case of Primo Levi”, *Italica*, n. 69(1), pp. 30-45.
- ECO, U. 2021. “O Grupo 63, quarenta anos depois”. Tradução de Eliana Aguiar. In: *Construir o inimigo e outros escritos ocasionais*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record.
- FERRERO, E. 1997. “La fortuna critica”. In: *Primo Levi: Un’antologia della critica*. Turim: Einaudi, pp. 303-384.
- FERRERO, E. 2007. *Primo Levi: La vita, le opere*, Turin: Einaudi.
- GINZBURG, C. 2007. “Micro-História: duas ou três coisas que eu sei sobre ela”. In: *O fio e os rastros: Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 249-279.
- GIULIANI, M. 2006. *A Centaur in Auschwitz: Reflections on Primo Levi’s Thinking*, Lanham: Lexington.
- GORDON, R.S.C. 2003. *Primo Levi: le virtù dell’uomo normale*. Roma: Carocci.
- GORDON, R.S.C. 2012. *The Holocaust in Italian Culture 1944-2010*. Stanford: Stanford University Press.
- ISER, W. 1996. *O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético, vol. 1*. São Paulo: Editora 34.
- LEVI, P. 1988. *É isto um homem?* Tradução de Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco.
- LEVI, P. 1994. *A tabela periódica*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- LEVI, P. 2018. *Opere complete III*. Org. Marco Belpoliti. Turim: Einaudi.
- MACIERA, A.C. 2019. “Primo Levi: a química entre a literatura e a ciência”. *Caderno de Letras*, n. 34, p. 89-125.
- MENGGONI, M. 2015. “Primo Levi, Autoritratti Periodici.” *Allegoria*, n. 71-72, pp. 141-164.
- MENGGONI, M. 2019a. “Elementi inattesi. Come nacque ‘Il sistema periodico’”. In: PIAZZA, A.; LEVI, F. (orgs.) *Cucire parole, cucire molecole: Primo Levi e Il Sistema periodico*. Turim: Accademia delle Scienze di Torino, pp. 67-79.
- MENGGONI, M. 2019b. “Primo Levi e i Tedeschi.” In: LEVI, F.; SCARPA, D. (orgs.). *Lezioni Primo Levi*. Milão: Mondadori, p. 415-495.
- Fabio Levi and Domenico Scarpa, 415-495.
- MENGGONI, M. 2020. “Primo Levi e Thomas Mann”. In: CINELLI, G.; GORDON, R.S.C. *Innesti: Primo Levi e i libri altrui*. Oxford, Berna, Berlim: Peter Lang.
- MOIROUX, A. 2003. “Le Système Périodique de Primo Levi”. *Chroniques Italiennes*, v. 19, n. 71-72, pp. 135-147.
- MORANTE, E. 1974. *A História*. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Record.
- MORANTE, E. 2014. *La Storia*. Turim: Einaudi.
- SANTOS, A.F. 2021. *Do neorealismo à literatura de testemunho: A recepção de Primo Levi no Brasil (1979-2000)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás – Faculdade de História – Programa de Pós-Graduação em História.
- SCARPA, D. 2019. “Leggere in italiano, ricopiare in inglese” In: LEVI, F.; SCARPA, D. *Lezioni Primo Levi*. Milão: Mondadori, pp. 269-312.
- SCARPA, D. 2022. *Bibliografia di Primo Levi ovvero Il primo Atlante*. Turim: Einaudi.
- USHER, J. 2007. “Primo Levi, the canon and Italian literature” in GORDON, R. S. C. (org.) *The Cambridge Companion to Primo Levi*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 171-188.